

**AUTOFORMAÇÃO DOCENTE PARA UMA EDUCAÇÃO, ESCOLA E SOCIEDADE
MAIS HUMANIZADORAS: UMA RESENHA CRÍTICA**

TEACHER SELF-EDUCATION FOR A MORE HUMANIZING EDUCATION, SCHOOL
AND SOCIETY: A CRITICAL REVIEW

AUTOFORMACIÓN DOCENTE PARA UNA EDUCACIÓN, ESCUELA Y SOCIEDAD
MÁS HUMANIZADORAS: UNA REVISIÓN CRÍTICA

Aline Luz Mesquita Francisco¹ 0000-0002-7482-0795

¹ Universidade Federal de São Carlos – Sorocaba, SP, Brasil; lih_mesquita@yahoo.com.br

RESUMO:

A presente resenha foi escrita sobre o livro “Educação, Escola, Direitos Humanos, Sociedade... e Docência: a autoformação alvitrada”, de autoria de Ivan Fortunato, resultante de sua tese defendida junto ao Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no curso de Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. A obra trata da formação de professores, educação e escola, contextualizando com os direitos humanos e sociedade, e se pauta na ideia de autoformação como caminho possível em busca de processos educacionais mais humanizadores.

Palavras-chave: resenha crítica; autoformação docente; direitos humanos.

ABSTRACT:

This review was written about the book “Education, School, Human Rights, Society... and Teaching: the self-training proposed”, by Ivan Fortunato, resulting from his thesis defended at the Nucleus for the Study of Diversities, Intolerances and Conflicts, from the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences of the University of São Paulo in the Doctorate course in Humanities, Rights and Other Legitimacies. The work deals with teacher training, education and school, contextualizing it with human rights and society, and is based on the idea of self-training as a possible path in search of more humanizing educational processes.

Keywords: critical review; teacher self-training; human rights.

RESUMEN:

La presente reseña se realizó sobre el libro “Educación, Escuela, Derechos Humanos, Sociedad... y Enseñanza: la autoformación sugerida”, de Iván Fortunato, resultado de su tesis defendida en el Núcleo de Estudios de las Diversidades, Intolerancias y Conflictos, de la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de São Paulo en el curso de Doctorado en Humanidades, Derechos y Otras Legitimaciones. El trabajo trata sobre la formación docente, la educación y la escuela, contextualizándolo con los derechos humanos y la sociedad, y parte de la idea de la autoformación como camino posible en busca de procesos educativos más humanizadores.

Palabras clave: reseña crítica; autoformación docente; derechos humanos.

Autoformação: um caminho possível?

Inquietações de ordem epistemológica são cada vez mais frequentes nos debates sobre a formação do professor e prática educativa em razão do cenário contemporâneo fluido e desafiador em inúmeros pontos. Em meio ao aprofundamento teórico pouco refletido na realidade escolar, muitos autores têm atribuído destaque para a identidade e subjetividade do professor, assim como para seu potencial de autoformação e autogestão da atividade pedagógica. Trata-se de um movimento que coloca em evidência a experiência docente no campo da formação de professores enquanto produção de si ao considerar toda sua subjetividade e coletividade circundante.

Na obra “Educação, Escola, Direitos Humanos, Sociedade... e Docência: a autoformação alvitrada”, o autor Ivan Fortunato traz a ideia de autoformação como um caminho possível para educar e ensinar respeito aos Direitos Humanos e liberdade, sendo realista no sentido de identificar reflexos de um sistema educativo e social mais amplo e que ultrapassa o alcance dos professores ao sinalizar limites e possibilidades efetivos.

A percepção de que as instituições escolares se mantêm educando para manutenção do status quo, aqui entendido como estado das coisas e condição social, política e econômica, é clara e indiscutível. Nas últimas décadas, o sistema educacional brasileiro é desafiado pelo objetivo de ofertar educação qualificada e de cidadania para todos, englobando as necessidades emergentes em decorrência das transformações econômicas e políticas. Em contrapartida, a educação como caminho essencial para mudança deu lugar a um mecanismo de manutenção das condições já impostas, fornecendo conhecimentos considerados necessários para força produtiva em prol da expansão do sistema capitalista, ao mesmo tempo em que perpetua valores e saberes que impulsionam os interesses dominantes. A escola pode ser entendida, nesse contexto, como uma engrenagem que viabiliza um sistema social, político e econômico injusto e excludente, deixando de privilegiar a emancipação humana e se colocando como instrumento de algo muito mais amplo na perpetuação do sistema vigente.

O autor ressalta, nesse sentido, três formas de opressão destacadas por Almeida Jr. (2019): o patriarcado, o racismo e capitalismo, discutindo cada uma e delineando os reflexos de tais pontos opressores no contexto educacional. Identificou, ao final do processo, ter deixado de englobar outros elementos que dificultam o processo educativo, como o fascismo, colonialismo, xenofobia e neoliberalismo. A falta de crítica e despolitização da educação afastam os sujeitos de sua própria emancipação e impedem a aplicação de conteúdos advindos

do seio escolar na vida cotidiana por torná-los incompatíveis e por amarrar o senso crítico para um processo educativo de alienação, alheio a debates e diálogo do que é vivo dentro dos alunos e no meio que os cercam.

A educação para o mercado produtivo deve ser superada por não trazer as contradições e focos opressivos do sistema capitalista, o que origina mentes cristalizadas, formatadas e servis. O caminho para uma educação emancipadora prevê o reconhecimento das desigualdades que se colocam a partir do desenvolvimento da criticidade e politização dos estudantes. Trata-se de possibilitar a percepção da própria realidade e superação de modelos impostos condizentes à transferência passiva e acrítica de conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade.

Pensar no potencial político e transformador da educação traz necessariamente a crença nos valores, cidadania e cultura que perpassam a formação do sujeito enquanto possibilidade de libertar a mentalidade e comportamento social, explicitando assim a opressão comandada pelo sistema capitalista patriarcal de supremacia branca e fomentando a construção de seres conscientes dos direitos, deveres e questões políticas na sociedade a que pertence.

Assim como Fortunato (2023) nos coloca, a escola por si só não poderá alterar a situação que se impõe de maneira isolada e tamanha responsabilidade também não deve recair sobre o professor. No entanto, as instituições escolares certamente terão lugar importante e considerável na delineação de nova ordem social e, por essa razão, a docência é colocada como mecanismo de resistência e enfrentamento necessário, mas insuficiente para transformações significativas em um sistema enraizado, quando a atuação se dá de forma pontual.

Diante da perspectiva apresentada, a superação da passividade do magistério e uma formação que acontece majoritariamente em um fluxo de dentro para fora é colocada como proposta de superação do sistema vigente e passo importante na busca da educação emancipadora. A docência deixa de ser apenas uma posição laboral para se consolidar como processo de autotransformação mediado pela “maturidade, consciência e autoconhecimento” (FORTUNATO, 2023, p. 22). Não é possível constituir-se professor sem se permitir ser atravessado e sensibilizado pelos conflitos e dilemas no cotidiano educacional, modificando as práticas e visão da sala de aula e da escola com o passar do tempo.

Os acontecimentos que cerceiam a sala de aula são recebidos e vivenciados pelo professor de acordo com uma subjetividade e interpretação muito particular, o que faz da autoformação uma modalidade individual e diferente entre educadores. Inúmeros desafios são emergentes do contexto de cada estudante e muitas vezes não há subsídio teórico ou prático

oferecido nos cursos de formação inicial para esses profissionais em realidades contraditórias ao padrão que fundamenta as teorias estudadas.

Temos hoje a oferta de cursos de formação inicial e continuada tecidos por certezas que nos colocam metodologias e teorias educativas para assimilação de conteúdos e receitas que deverão ser aplicadas na sala de aula. Entretanto, a realidade que encontramos na prática pedagógica é diferente e singular, demarcada pela relação com o outro e pela vivência dia a dia no espaço educativo. A reflexão crítica diante de práticas vivenciadas precisa ser o eixo principal da formação, em um processo que considera as dimensões racional, emocional e pragmática dos envolvidos.

Na tentativa de suprir demandas em ascensão e otimizar a prática educacional, muitas vezes o professor precisa agir como autor, explorando novas ferramentas, criando materiais, experienciando metodologias diferentes ou mesmo adaptando suas estratégias para acolher e desenvolver habilidades e conhecimentos específicos de cada discente. Estando envolto por situações inesperadas, o professor segue adquirindo novas experiências práticas que também são formativas, continuamente adaptando e otimizando sua atuação.

Enfatiza-se, contudo, a necessidade de formar um professor questionador, crítico e reflexivo, atuante sob a realidade que se faz presente nas situações de ensino e aprendizagem. Com a problematização dos fatos com criticidade, assumindo atitude ativa no contexto escolar, o docente se mostra como profissional competente e ator da prática pedagógica ao trazer consigo autonomia no trabalho, criatividade, novidades e comprometimento com questões emancipatórias.

Fortunato (2023) opta por um estilo de escrita rizomática em oposição ao modelo rígido, organizado e centralizado, trazendo ao texto uma unidade mesmo com a multiplicidade de ramos que conversam entre si. Os parágrafos seguem se tecendo como colocações itinerantes repletas de sentido que abraçam o leitor por seu estilo de escrita fluido e sincero, que resulta em provocações para o rigor científico previsto pela academia. Assim como um rizoma permite a propagação vegetativa da espécie, o texto permite experimentar os sentidos e colocações em todas as ramificações vivas que emergem de determinado pensamento.

O fato de trazer exemplos e percepções pessoais para a obra faz com que se torne mais pessoal e interessante, pois é possível enxergar identidade em todos os pontos evidenciados. Assim, o rigor metodológico dá lugar a um diário de formação que conduz em um percurso de reflexão prazeroso, instigante e principalmente repleto de sentido considerando a realidade que vivenciamos hoje nas instituições escolares.

Mesmo ressaltando as amarras que nos seguram em um modelo educativo estagnado e excludente, apresenta-se a autoformação como meio de reflexão e reformulação dos mecanismos de formação humana, trazendo esperança frente ao que está por vir, como pequena parcela em prol de um magistério transformador para resistência e enfrentamento.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR., Antônio Ribeiro de. Opressões, resistências e direitos humanos. **Impulso**, v. 28, n. 72, p. 41-48, 2019.

FORTUNATO, Ivan. **Educação, escola, direitos humanos, sociedade... e docência: a autoformação alvitrada**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2023.

<https://drive.google.com/file/d/1ddFU4IPvMd6ee3I9jOsvnAAA7eEb9ile/view>

SOBRE A AUTORA

Aline Luz Mesquita Francisco. Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, na linha de Formação de Professores e Práticas Educativas.

<http://lattes.cnpq.br/6054827228273862>

Como citar esta resenha

FRANCISCO, Aline Luz Mesquita. Autoformação docente para uma educação, escola e sociedade mais humanizadoras: uma resenha crítica. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e12253, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.12253>